REVISTA DE ENSINO E SAÚDE NA AMAZÔNIA

PERFIL CITOPATOLÓGICO DO COLO UTERINO EM MULHERES ATENDIDAS NA REDE PRIVADA DE JI-PARANÁ (RO): IMPLICAÇÕES PARA A VIGILÂNCIA EM SAÚDE

CYTOPATHOLOGICAL PROFILE OF THE UTERINE CERVIX IN WOMEN ATTENDED BY THE PRIVATE HEALTH SECTOR IN JI-PARANÁ (BRAZIL): IMPLICATIONS FOR HEALTH SURVEILLANCE

Rayssa Frankilaine Silva de Oliveira[1], Lidiany Aparecida Scussel Ropelato[2], Alexandre Zandonadi Meneguelli[3]

RESUMO

INTRODUÇÃO: O exame citopatológico do colo do útero é uma estratégia fundamental no rastreamento de lesões precursoras do câncer cervical e na detecção de agentes etiológicos de vulvovaginites. Este estudo teve como objetivo descrever o perfil citopatológico de mulheres atendidas por um laboratório da rede privada no município de Ji-Paraná, Rondônia. **METODOLOGIA:** Foram analisados 1.382 laudos citopatológicos emitidos entre junho e dezembro de 2020, referentes a mulheres entre 25 e 64 anos. **RESULTADOS:** Desses, 77,71% foram negativos para alterações, enquanto 22,29% apresentaram alterações, com predominância da bactéria *Gardnerella vaginalis* (57,40%), seguida por esporos e pseudo-hifas consistentes com *Candida* sp. (25,56%). Lesões intraepiteliais de baixo e alto grau corresponderam a 4,41% e 3,47%, respectivamente. Atipias de células escamosas de significado indeterminado (ASC-US) foram identificadas em 9,16% dos casos. Observou-se aumento expressivo na realização dos exames durante o mês de outubro, atribuído à campanha Outubro Rosa. **CONCLUSÃO:** Os achados reforçam a importância da adesão ao exame preventivo e da vigilância contínua em saúde da mulher, especialmente em regiões com alta incidência de neoplasias cervicais.

Palavras-chave: Exame citopatológico; Neoplasias do colo uterino; Vulvovaginites; Saúde da mulher; Vigilância em saúde.

[1]Farmacêutica. Especialista em Farmácia Clínica e Prescrição Farmacêutica. Docente do curso de Medicina do Centro Universitário Estácio de Ji-Paraná (ESTÁCIO/UNIJIPA). E-mail: rayssa.foliveira@estacio.br

[2]Farmacêutica. Especialista em Microbiologia e Parasitologia. Docente do curso de Farmácia do ESTÁCIO/UNIJIPA e do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Ji-Paraná (FAMEJIPA). E-mail: lidyani.ropelato@estacio.br

[3] Biólogo. Farmacêutico. Especialista em Microbiologia e Parasitologia. Doutor em Biotecnologia. Docente dos cursos de Medicina da FAMEJIPA e do ESTÁCIO/UNIJIPA. E-mail: meneguelli.azm@gmail.com.

ABSTRACT

Introduction: The cervical cytology test is a key strategy for screening precursor lesions of cervical cancer and detecting etiological agents of vulvovaginitis. This study aimed to describe the cytopathological profile of women assisted by a private laboratory in the municipality of Ji-Paraná, Rondônia, Brazil. **Methods:** A total of 1,382 cytopathology reports issued between June and December 2020 were analyzed, referring to women aged 25 to 64 years. **Results:** Among the reports, 77.71% were negative for cellular alterations, while 22.29% presented abnormalities. The most frequent microorganism was *Gardnerella vaginalis* (57.40%), followed by spores and pseudo-hyphae consistent with *Candida* sp. (25.56%). Low- and high-grade squamous intraepithelial lesions accounted for 4.41% and 3.47%, respectively. Atypical squamous cells of undetermined significance (ASC-US) were identified in 9.16% of cases. A notable increase in the number of exams was observed during October, likely due to the “Pink October” awareness campaign. **Conclusion:** The findings highlight the importance of adherence to cervical screening and continuous women's health surveillance, especially in regions with high rates of cervical neoplasms.

Keywords: Cervical cytology; Cervical cancer; Vulvovaginitis; Women's health; Health surveillance.

1. INTRODUÇÃO

A neoplasia maligna do colo do útero, conhecida como câncer cervical, é causada pela infecção de alguns tipos do Papilomavírus Humano - HPV. É muito frequente a infecção genital causada por esse vírus, em sua grande maioria não causa doença, porém, algumas dessas infecções podem ocasionar alterações celulares que evoluem para o câncer. As doenças provocadas por vírus podem ser detectadas pelo exame citopatológico do colo do útero, sendo na maioria dos casos curáveis (INCA, 2021).

O exame citopatológico do colo do útero é considerado eficiente e é empregado no rastreamento de neoplasia maligna do colo do útero. Considerado um método simples que possui grande importância, pois, pode detectar lesões precursoras do câncer que são classificadas em Lesões Intraepiteliais de Grau 1, 2 e

3 e tratar precocemente a doença, assim, obtendo maiores chances de cura (MACHADO et al., 2017).

Além do exame citopatológico detectar as lesões precursoras da neoplasia, também é empregado no rastreio de micro-organismos que podem ocasionar vulvovaginites, sendo que cerca de 70% dos registros ginecológicos ocorrem por elas. As vulvovaginites são caracterizadas por uma manifestação inflamatória do trato genital inferior e podem ser originadas por bactérias, fungos e protozoários (MILHOMENS et al., 2014).

Esse trabalho teve por objetivo analisar os resultados dos laudos citopatológicos de raspado cérvico-vaginais de um laboratório da rede privada do município de Ji-Paraná, estado de Rondônia, referente ao período de junho a dezembro do ano de 2020, analisando as principais alterações cérvico-uterinas apresentadas, bem como os índices de células neoplásicas de baixo e alto grau e

identificando quais são os micro-organismos encontrados que podem ocasionarvulvovaginites.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional, retrospectivo e descritivo, baseado na análise de laudos citopatológicos de raspados cérvico-vaginais emitidos por um laboratório da rede privada de análises clínicas localizado no município de Ji-Paraná, estado de Rondônia. A coleta dos dados abrangeu o período de junho a dezembro de 2020.

Foram incluídos no estudo os laudos de pacientes do sexo feminino com faixa etária entre 25 e 64 anos. A análise contemplou a identificação de lesões intraepiteliais escamosas de baixo e alto grau, bem como a presença de micro-organismos potencialmente associados a vulvovaginites, como bactérias, fungos e protozoários.

Os dados obtidos foram organizados e analisados utilizando o software Microsoft Excel® 2020, sendo apresentados por meio de frequências absolutas e relativas, com disposição tabular para facilitar a interpretação e a exposição dos achados.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Estácio UNIJIPA de Ji-Paraná, em 27 de julho de 2021, sob o número de registro CAAE 47720721.9.0000.9147.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 1.382 laudos citopatológicos analisados, 1.074 (77,71%) apresentaram resultados negativos para alterações celulares ou microbiológicas. Por outro lado, 308 exames (22,29%) evidenciaram alterações, das quais a bactéria *Gardnerella vaginalis* foi o agente mais prevalente, identificada em 57,40% dos casos alterados. Em seguida, observaram-se esporos e pseudo-hifas compatíveis com infecção por *Candida* sp. em 25,56% dos casos. As lesões intraepiteliais de baixo grau (LIEBG) representaram 4,41% das alterações, enquanto as de alto grau (LIEAG) somaram 3,47%. Além disso, atipias de células escamosas de significado indeterminado (ASC-US) foram detectadas em 9,16% dos exames alterados, conforme a tabela 1,

corroborando achados da literatura que apontam variações significativas na detecção dessas lesões conforme o perfil populacional e os critérios citológicos.

Tabela 1 – Distribuição das alterações citopatológicas em exames de mulheres atendidas entre junho e dezembro de 2020, Ji-Paraná (RO).

Tipo de alteração	N (absoluto)	% sobre alterações (n=308)
Gardnerella vaginalis	177	57,40%
***Candida* sp. (esporos e pseudo-hifas)**	79	25,56%
ASC-US (atipias de células escamosas)	28	9,16%
Lesões intraepiteliais de baixo grau (LIE-BG)	14	4,41%
Lesões intraepiteliais de alto grau (LIE-AG)	11	3,47%
Trichomonas vaginalis	5	1,58%
***Actinomyces* sp.**	2	0,65%
Total de exames alterados	308	100%
Total de exames realizados	1.382	–

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A presença expressiva de Gardnerella vaginalis está alinhada com achados de Freitas et al. (2020), que destacam seu papel na desestabilização do pH vaginal, levando à vaginose bacteriana. Segundo Toninato et al. (2016), esse agente está relacionado ao aparecimento de clue cells nos esfregaços citológicos, o que facilita sua identificação.

No município de Sinop (MT), Zago (2018) também identificou Gardnerella vaginalis como o principal agente associado a vulvovaginites, com prevalência de 16%, embora inferior à observada no presente estudo. Já Xavier et al. (2019), em estudo realizado na Paraíba, encontraram Gardnerella em 8% dos laudos, sem detecção de Trichomonas, corroborando com os baixos índices desta última também encontrados em Ji-Paraná.

Candida sp. foi o segundo micro-organismo mais frequente neste estudo, com 25,56%. Resultados semelhantes foram observados por Araújo et al. (2017) em Cacoal (RO), onde a prevalência foi de 22,70%, indicando padrão epidemiológico consistente dentro do estado. Segundo Silva et al. (2019), o gênero Candida inclui cerca de 200 espécies, sendo comum no trato genital feminino e capaz de se tornar patogênico sob determinadas condições hormonais, comportamentais e higiênicas.

Lesões intraepiteliais de alto grau (HSIL) foram identificadas em 3,47% dos exames, valor superior ao identificado por Santos et al. (2019), que analisaram mais de 2 milhões de laudos no Espírito Santo e encontraram taxa de 0,55% para HSIL. No entanto, valores semelhantes aos encontrados no presente estudo foram observados em Presidente Médici (RO), onde a prevalência de lesões de baixo grau foi de 0,5% (Soares et al., 2019), em contraste com os 4,41% de LSIL identificados em Ji-Paraná.

O diagnóstico de ASC-US correspondeu a 9,16% dos casos, compatível com a faixa relatada por Rodrigues (2017), que aponta variação entre 0,2% e 9% entre diferentes laboratórios. Este tipo de alteração foi mais prevalente entre os grupos etários de 35 a 44 e 55 a 64 anos.

Por fim, as alterações morfológicas como ASC-US, LSIL e HSIL são definidas com base em critérios citomorfológicos bem estabelecidos, como hipercromasia e alteração da organização epitelial, sendo essenciais no rastreamento precoce de lesões precursoras do câncer cervical (De Sá et al., 2019; Rosendo et al., 2018). Dados do INCA (2019) apontam que a maior incidência de câncer cervical ocorre entre os 45 e 50 anos, com a região Norte apresentando as maiores taxas do Brasil (23,97/100 mil mulheres).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados deste estudo evidenciam a importância do exame citopatológico como ferramenta essencial na detecção precoce de alterações cervicais e na vigilância de infecções ginecológicas em mulheres atendidas na rede privada de Ji-Paraná (RO). A elevada frequência de alterações citológicas, especialmente por Gardnerella vaginalis, Candida sp. e atipias como ASC-US, reforça a necessidade de

estratégias permanentes de rastreamento e acompanhamento clínico, com foco na prevenção do câncer do colo do útero e na promoção da saúde integral da mulher.

A análise do perfil etário das pacientes revelou maior adesão ao exame entre mulheres em idade reprodutiva, contrastando com a baixa cobertura em faixas etárias mais avançadas, o que aponta para lacunas que devem ser abordadas por meio de ações educativas direcionadas. O aumento significativo no número de exames durante o mês de outubro ilustra o impacto positivo de campanhas como o Outubro Rosa, destacando a relevância de iniciativas de sensibilização comunitária.

Dessa forma, os dados obtidos contribuem para o aprimoramento das práticas assistenciais e para o planejamento de políticas públicas mais eficazes, voltadas à ampliação do acesso ao rastreamento citopatológico, à qualificação dos serviços laboratoriais e à educação em saúde voltada à população feminina.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, D. E. et al. Presença de agentes infecciosos em exames colpocitológicos nas unidades básicas de saúde do município de Cacoal–RO. 2017. Disponível em: http://repositorio.facimed.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/61/Araujo.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

DE PAULA, A. C. et al. Indicadores do monitoramento interno da qualidade dos exames citopatológicos do Laboratório Clínico da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). *Revista Brasileira de Análises Clínicas*, v. 49, n. 2, p. 200–205, 2017. Disponível em: http://www.rbac.org.br/wp-content/uploads/2017/08/RBAC-vol-49-2-2017-ref.-534-finalizado.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

FREITAS, L. S. et al. Vaginose bacteriana: atualização da etiologia, diagnóstico e tratamento. *Revista de Medicina*, v. 99, n. 2, p. 134–141, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2019. Disponível em: https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil. Acesso em: 21 ago. 2021.

MACHADO, J. M. et al. Rastreamento do câncer do colo do útero: uma revisão narrativa. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 63, n. 2, p. 143–149, 2017.

MILHOMENS, A. L. et al. Vulvovaginites: aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 60, n. 3, p. 221–227, 2014.

PACHECO, R. L. et al. Aspectos citopatológicos do exame preventivo do câncer do colo uterino: revisão integrativa. *Revista Interdisciplinar*, v. 11, n. 2, p. 117–123,

2018.

RIBEIRO, T. L. S. *Trichomonas vaginalis: aspectos biológicos e imunológicos*. João Pessoa: UFPB, 2020. Monografia (Graduação em Biomedicina) – Universidade Federal da Paraíba, 2020.

RODRIGUES, M. D. F. Padrões citomorfológicos do diagnóstico de ASC-US em exames citopatológicos do colo uterino. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 1, n. 9, p. 15–24, 2017.

ROSENDO, J. D. A. et al. Diagnóstico das lesões precursoras do câncer do colo uterino: implicações do exame citopatológico. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v. 12, n. 3, p. 745–754, 2018.

SANTOS, E. S. et al. Perfil das lesões precursoras do câncer do colo do útero diagnosticadas pelo exame citopatológico no estado do Espírito Santo. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 65, n. 2, p. e–08231, 2019.

SILVA, M. M. O. et al. Candidíase vulvovaginal: atualização sobre epidemiologia, patogenia, diagnóstico e tratamento. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 52, n. 4, p. 413–419, 2019.

SOARES, T. S. et al. Lesões intraepiteliais diagnosticadas por colpocitologia oncótica em mulheres atendidas na atenção primária. *Revista Interdisciplinar de Saúde*, v. 2, n. 1, p. 31–39, 2019.

TONINATO, A. P. et al. Vaginose bacteriana: fisiopatologia, diagnóstico e tratamento. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 38, n. 7, p. 326–332, 2016.

XAVIER, T. M. et al. Prevalência de Gardnerella vaginalis e Trichomonas vaginalis em exames colpocitológicos. *Revista de Saúde e Pesquisa*, v. 12, n. 2, p. 215–220, 2019.

ZAGO, A. M. S. Prevalência de microrganismos causadores de vulvovaginites em exames citopatológicos. 2018. Monografia (Graduação em Biomedicina) – Universidade Federal de Mato Grosso, Sinop, 2018.